



ÍNDICE

Introdução.....	9
Capítulo I	15
1 - A questão corporativa: pesquisa em torno de uma tradição oficial anterior ao séc. XVIII ..	17
2 - Fixando uma genealogia dos gravadores: os abridores de cunhos das Casas da Moeda... 19	
3 - Um ramo esquecido na genealogia da gravação: os abridores de selos.....	21
4 - Os pintores-gravadores e a questão do cúmulo de competências	25
5 - A presença tardia dos gravadores na Irmandade de São Lucas.	27
6 - O estatuto da Arte da Gravura no contexto internacional	29
7 - O quadro social dos gravadores portugueses em finais de Setecentos	38
8 - A questão da gravura popular	46
9 - A hierarquia dos géneros	47
10 - A hierarquia das técnicas	47
11 - A geração dos discípulos de Carneiro da Silva: Ensaio de uma genealogia sócio-profissional.	49
12 - Gravador: a oportunidade de uma nova profissão	51
Capítulo II	53
Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818).....	55
1 - Percurso inicial	58
2 - Carneiro da Silva pioneiro do ensino da Gravura.	62
3 - Carneiro da Silva e Pombal.....	63
4 - Artista oficial ou artista-funcionário ?	68
5 - Arte e poder: Carneiro da Silva e a Real Mesa Censória	78
6 - O <i>Plano</i> da Aula Pública de Desenho	84
7 - A <i>Questão</i> das Aulas.....	89
8 - Carneiro da Silva e o Estatuto do Artista	94
9 - O final de um ciclo.....	104
10 - Testamento	106
11 - Joaquim Carneiro da Silva: “o perfeito maquinista”.	109
12 - O regresso ao ensino da Gravura: a Calcografia do Arco do Cego.....	110
13 - <i>Illustrant dum Infuscant</i>	111
14 - Os últimos anos.....	113
15 - A obra artística	114
Carneiro da Silva: Gravador	118
Carneiro da Silva: desenhador	121



Capítulo III	127
A formação do gravador	129
1 - A Casa da Moeda de Lisboa e a formação dos abridores de cunhos.....	132
A Aula de António Mengin (1721-1772).	134
A Aula de Joseph Gaspart (1773-1812)	138
2 - A Aula de João Figueiredo na Fundação do Real Arsenal do Exército.....	141
3 - As aulas agregadas às imprensas régias	150
4 - A Aula de Carneiro da Silva na Impressão Régia (1769-1788) :	153
A orgânica de funcionamento da aula de Carneiro da Silva	155
Os termos de fiança	156
A aprendizagem na Aula de Carneiro da Silva.....	158
Técnicas	161
O encerramento da Aula de Carneiro da Silva.....	162
5 - Joaquim Carneiro da Silva e a oficina-escola de gravura do Arco do Cego (1799-1801) ..	165
O “Corpo de Gravadores” do Arco do Cego.....	170
6 – Formação internacional	177
António Fernandes Rodrigues.....	178
A geração mariana	181
O ciclo inglês	183
O contrato de aprendizagem de Aguilar	186
7 - A Aula de Francesco Bartolozzi	191
8 - A Aula de Gregório Francisco de Queiroz.....	205
O projecto do Liceu de Belas Artes	208
9 - A Gravura na fundação da Real Academia de Belas-Artes (1836).....	221
Capítulo IV.....	225
Gravura: Uma arte colectiva.....	227
1 - Desenho e Gravura: parcerias criativas	228
2 - O estampador e a impressão da gravura.....	231
3 - Estaqueador e empomesador: ofícios esquecidos	239
4 A <i>Iluminação</i>	244
5 - Materiais.....	245
6 - A importância da <i>letra:Inscrição e Subscrição</i>	247
Capítulo V.....	251
A edição de estampas em Portugal.....	253



1 - O enquadramento legal.....	253
A Real Mesa Censória.....	255
2 - A edição de estampas.....	259
3 - Financiamento público	260
Sociedade Real Marítima	267
4 - Os editores privados	271
Editores ocasionais	272
As Irmandades	275
Editores profissionais	277
A Sociedade Filopatrica.....	277
António Patrício Pinto Rodrigues.....	281
Arcanjo de Dominicis.....	288
5 - Artistas-editores	290
Capítulo VI.....	305
Os Editores – comerciantes	307
1 - A Casa de Francisco Manoel Pires	307
O inventário de bens de Francisco Manoel	308
A Fábrica de Estamparia e a Loja do final da Rua do Passeio	309
O catálogo da Casa.....	310
O privilégio real sobre registos de Francisco Manoel.....	321
2 - Francisco Domingos Milcent	328
3 - A Sociedade P. A. Marshal, Milcent e Companhia.....	331
4 - José da Fonseca e a loja de estampas ao Arsenal.....	334
O catálogo da Loja de José da Fonseca	336
5 - A concorrência entre as casas editoras de estampas de Lisboa	342
Mártires/Chiado	343
Os Ribeiros.....	346
6 - Editores - Livreiros	347
Capítulo VII.....	353
O Comércio de gravura	355
1 - A loja de Francisco Xavier de Carvalho aos Mártires	360
2 - A loja da Gazeta.....	368
3 - Outros livreiros	370
4 - Outros estabelecimentos.....	371



5 - O comercio das estampas e os mercadores estrangeiros	373
6 - O comércio da gravura no Rio de Janeiro.....	385
7 - Uma rede comercial transatlântica.....	394
8 - O mercado oriental.....	396
Capítulo VIII.....	397
Edição Ilustrada.....	399
1 - A Régia Oficina Tipográfica.....	403
2 - A <i>Flora Fluminensis</i> e a génese da Casa Literária	410
3 - A Casa Literária do Arco do Cego.....	418
Os públicos do Arco do Cego: instrução e entretenimento	422
D. Rodrigo de Sousa Coutinho: “fazer ver”	425
Frei Veloso: “adornar” e “ajudar ao entendimento”	429
Tradução e cópia.....	431
A influência da <i>Encyclopédie</i>	432
A produção da calcografia do Arco de Cego.....	441
4 - As dificuldades da <i>ilustração</i>	444
5 - O advento da litografia	446
6 - <i>Livro de imagens e livro de arte</i>	450
Capítulo IX.....	455
1 – As imagens interditas	457
A acção da Intendência.....	463
2 - As imagens autorizadas	464
3 - A conquista do consumidor: linhas de força da oferta publicitária	465
Tipologia: a estampa <i>fin</i> a e estampa <i>rústica</i>	466
Descrição física	468
A valorização da autoria	470
Referências críticas	476
Função das estampas	477
Temáticas	482
Preços	485
4 – O consumo de estampas: definindo o espectro dos públicos da gravura	489
5 - Gravura: um assunto de Estado.....	504
Conclusão.....	513
Fontes e Bibliografia.....	515